

AUTISMO INFANTIL: IMPACTO DIAGNÓSTICO E REPERCUSSÕES

Bruna Lopes Pereira Cardoso¹, Jussara Dias Queiroz Brito², Cristina Zukowsky
Tavares³

Abstract: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurological developmental condition characterized by challenges in communication, social interaction, and repetitive motor patterns. Recognized as incurable yet susceptible to early interventions that can positively influence outlook and alleviate symptoms, autism diagnosis disrupts family life by interrupting socially normative activities and altering the existing emotional environment. The overall objective of this study was to analyze in the literature what has been produced regarding childhood autism, its diagnostic impact, and repercussions on family relationships. This study is a descriptive narrative literature review conducted through searches in databases such as LILACS, SCIELO, BVS, DSM-5, and others from 2014 to 2024, focusing on Portuguese-language sources using the descriptors: Childhood autism, diagnosis, and family relationships. Inclusion criteria encompassed articles of national predominance, freely available texts, and publications from the mentioned databases. From the results and discussions, a sample of 42 articles reflected the necessity for scientific productions regarding autistic children and their teachers e families. Study findings underscore the importance of ensuring essential information is provided and reducing family members' and teachers concerns and queries, while healthcare professionals, including nurses, are adept in implementing supportive techniques. Thus, it is concluded that the family constitutes the foundation for the entire process of accepting and integrating autistic children into society, necessitating attention to their mental health as well.

Keywords: Childhood Autism, Diagnosis, Health, Family and Educational Relationships.

Resumo: O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição do desenvolvimento neurológico que se manifesta por desafios na comunicação, interação social e padrões motores repetitivos. Intervenções precoces que podem influenciar positivamente a perspectiva e aliviar os sintomas, a identificação do autismo causa descontinuidade na vida familiar ao interromper atividades sociais consideradas padrão, alterando o ambiente emocional existente. O objetivo geral deste estudo constituiu-se em analisar na literatura o que tem produzido sobre autismo infantil e repercussões na saúde, nas relações familiares e educacionais. O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura narrativa de caráter descritivo. Foi conduzido por uma revisão de literatura nas bases de dados: LILACS, SCIELO, BVS, DSM-5, no período de 2014 a 2024; idioma português, utilizando os seguintes descritores: autismo infantil, diagnóstico e relações familiares. Tendo como critérios de inclusão e exclusão artigos de predominância nacional; textos disponíveis gratuitamente; artigos publicados nos referidos bancos de dados; dos resultados e discussões obteve uma amostra de 42 artigos, reflete na necessidade de produções científicas a respeito da criança autista. Os resultados dos estudos mostram a relevância de garantir que as informações essenciais sejam fornecidas e questionamentos e preocupações dos familiares e professores envolvidos sejam reduzidos. Conclui-se que a família é a base de todo o processo de aceitação e inclusão da criança autista na sociedade, visto que também necessitam de um olhar voltado para a saúde mental.

Palavras-chave: Autismo Infantil, Diagnóstico, Saúde, Relações familiares e educacionais.



O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição do desenvolvimento neurológico que se manifesta por desafios na comunicação, interação social e padrões motores repetitivos. Reconhecido como incurável, porém suscetível a intervenções

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Profissional em Educação, UNASP, Engenheiro Coelho - SP, Brasil. brunalpcardoso1@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Profissional em Educação, UNASP, Engenheiro Coelho - SP, Brasil. jussara@ceulp.edu.br

³ Docente do do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Profissional em Educação, UNASP, Engenheiro Coelho - SP, Brasil. cristina.tavares@acad.unasp.edu.br

precoces que podem influenciar positivamente a perspectiva e aliviar os sintomas (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

Atualmente, o TEA, igualmente conhecido como autismo, é caracterizado como um distúrbio que afeta a interação social do indivíduo, especialmente na comunicação, levando a um comportamento persistente e padronizado, o que resulta no comprometimento grave de três áreas do desenvolvimento: habilidades sociais, habilidades de comunicação e manifestação de interesses e atividades estereotipadas (Fontana *et al.*, 2020; Machado *et al.*, 2024).

Segundo Fontana *et al.* (2020), conseqüentemente, indivíduos com essa condição enfrentam consideráveis dificuldades em estabelecer relações interpessoais, apresentam dificuldades em manter contato visual, demonstram agitação e frequentemente experimentam crises ao longo de suas vidas. Apesar da diversidade de casos, muitas famílias enfrentam obstáculos no diagnóstico e tratamento adequados, seja devido a restrições financeiras, falta de informação ou até mesmo preconceito.

As origens do TEA ainda são obscuras, e entre os vários fatores considerados, acredita-se que seja de natureza multifatorial, relacionada a aspectos genéticos e neurobiológicos, isto é, anormalidades anatômicas ou fisiológicas do sistema nervoso central, predisposição constitucional e interações entre múltiplos genes (Lavor *et al.*, 2021).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), conforme estabelecido pela Classificação Internacional de Doenças (CID) 11 (2022), os distúrbios como Autismo Infantil, a síndrome de Rett, a Síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno com hipercinesia, passam a ser enquadrados como TEA. Essa alteração foi necessária para melhor compreensão das personalidades das pessoas no espectro autista.

O Brasil vem sendo um modelo de inclusão de pessoas com deficiência, porém apenas em 2019 foi sancionada a lei de número 13.861/2019 na qual inclui nos centros demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a partir de 2020 os dados referentes ao número de pessoas com TEA em todo o país. Já em 8 de janeiro de 2020, a Lei 13.977, conhecida como Lei Romeo Mion, cria a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea) (Vilela, 2019).

Visando atender às necessidades das pessoas com TEA, foi promulgada a Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012, conhecida como Lei Berenice Piana, que estabelece a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com TEA e estipula no § 2º que "a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais" (Medeiros, 2023).

É importante salientar que as pessoas com TEA possuem os mesmos direitos garantidos a todos os cidadãos do país pela Constituição Federal de 1988, Lei nº 8.069/90 e outras legislações nacionais. Portanto, as crianças e adolescentes autistas têm todos os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente. (Oliveira & Camargo Júnior, 2024).

Como resultado do estímulo adequado e acompanhamento, o indivíduo autista, levando em consideração suas limitações e o grau do autismo, consegue se desenvolver e participar de diversas atividades, tanto cognitivas quanto motoras e afetivas. Uma criança autista é totalmente capaz de se desenvolver, tornando-se um cidadão ativo, desde que receba os estímulos adequados, e para isso, é necessário identificar os sintomas do autismo ainda nos primeiros anos de vida (Oliveira *et al.*, 2017).

Por possuir uma visão holística do ser humano e estar fundamentado teoricamente, o enfermeiro pode facilmente identificar os sinais que indicam o TEA e, assim, acompanhar e auxiliar a família que tem um membro diagnosticado com autismo. Ele pode oferecer suporte, encorajamento e tranquilidade ao focar no bem-estar do paciente, além de esclarecer dúvidas e incentivar o tratamento e o acompanhamento desse indivíduo, buscando assim uma evolução em seu prognóstico (Bulhões *et al.*, 2023).

Nessa perspectiva, o enfermeiro é um dos profissionais que tem o primeiro contato com a criança nos serviços de saúde, e durante a anamnese, pode conhecer o histórico e os aspectos comportamentais da criança. É importante que o enfermeiro esteja atento a qualquer mudança no quadro clínico do paciente, monitorando todas as alterações ocorridas para, a partir daí, criar planos e intervenções de enfermagem visando o desenvolvimento do indivíduo nascimento *et al.*, 2022).

O apoio familiar é fundamental para a adaptação ao TEA. No entanto, muitas vezes os familiares têm dificuldade em aceitar ou admitir o diagnóstico da criança. Além disso, o conhecimento adquirido por meio das experiências vivenciadas, o preconceito enfrentado pela própria família em relação ao diagnóstico de TEA da criança e suas características, bem como as demandas e necessidades, mudam ao longo do tempo. Mas, a integração social do filho está relacionada às atitudes apresentadas pela criança com TEA (Fontana *et al.*, 2020).

O TEA pode levar a uma diminuição das interações sociais habituais no ambiente familiar, resultando em possíveis conflitos entre os pais, afetando a felicidade conjugal e contribuindo para a separação entre eles. Isso ocorre porque as dificuldades enfrentadas pela criança muitas vezes dificultam reproduzir as normas e valores sociais da família, o que consequentemente dificulta a manutenção das relações sociais (Maciel Portes & Vieira, 2020).

O processo de orientação de cuidados com a criança autista necessariamente deve ser articulado com a escola, pois esta se constitui em um importante espaço de aprendizado e de cuidado, assim como na família. A comunicação, a escuta, observação ativa, o acolhimento, o incremento de técnicas cognitivas, favorecem o desenvolvimento e aprendizagem da criança e precisam ser inter-relacionadas com a família (Meireles *et al.*, 2023).

Durante a infância, o processo de ajuste após o diagnóstico ou mesmo durante a observação dos sintomas pode representar um desafio nos principais ambientes de crescimento da criança, sendo a família e a escola. Devido às características do TEA em relação à comunicação, interação social e comportamentos atípicos, tanto a família quanto a escola devem adquirir uma vasta gama de conhecimentos para desempenharem em conjunto o papel de facilitadores da socialização e do desenvolvimento dessa criança (Cabral *et al.*, 2021).

Mediante o exposto, emerge a seguinte problemática: O que a literatura científica nacional tem publicado sobre autismo infantil, impacto diagnóstico e repercussões nas relações familiares? Portanto, o objetivo deste estudo é descrever sobre o autismo infantil: impacto diagnóstico e repercussões nas relações familiares. Compreende-se que a revelação diagnóstica do autismo torna-se um momento complexo, delicado e desafiador para a família, assim como para os profissionais de saúde responsáveis por essa missão, é um momento que provoca alterações na vida familiar devido às necessidades de acompanhamento da criança para seu desenvolvimento. (Pinto *et al.*, 2016).

Contudo, o grau de desempenho de um indivíduo com TEA pode modificar com tratamento terapêutico adequado, especificamente com a assistência precoce, antes dos três anos de idade, podendo aprimorar ajustamentos de conduta, desempenho social e uso do vocabulário e/ou cognição (Mapelli *et al.*, 2018).

REFERENCIAL TEÓRICO

AUTISMO INFANTIL - SINAIS E SINTOMAS

Por muitos anos, o TEA era conhecido apenas como autismo. A designação "autismo" foi introduzida por Eugen Bleuler por volta de 1908. Ele utilizou esse termo para descrever a falta

de expressão da linguagem comunicativa em pessoas com psicopatia endógena, sendo considerado um sintoma dessas condições por muitas décadas. Bleuler observou que os autistas parecem viver em um mundo paralelo, distante da realidade (Fiera, 2017).

A palavra "autismo" tem origem no grego "autos", significando "de si mesmo". Durante muito tempo, o autismo era conhecido como "esquizofrenia infantil". Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner definiu o autismo com distúrbio autístico do contato afetivo, após conduzir um estudo descrevendo um grupo de crianças com características comportamentais bastante particulares, incluindo dificuldades nas relações emocionais com o ambiente, isolamento autístico intenso, dificuldade na utilização da linguagem para comunicação, presença de habilidades cognitivas promissoras, aparência física aparentemente regular, comportamentos repetitivos, com maior ocorrência no sexo masculino (Souza Fernandes & Costa e Silca, 2023).

Somente nas décadas de 70 e 80 é que o autismo deixou de ser considerado uma forma de psicose. De acordo com o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação, interações sociais e comportamentos restritos e repetitivos (Nicoletti & Honda, 2021).

Sendo assim, o TEA é uma síndrome neuro psíquica que se encaixa na categoria dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), uma vez que se manifesta na primeira infância e afeta de forma crônica todos os aspectos do desenvolvimento infantil (Jorge *et al.*, 2021).

Segundo Jorge *et al.* (2021), a incidência desse transtorno é quatro vezes maior em meninos do que em meninas, no entanto, há indícios de que as meninas costumam ser mais gravemente impactadas. Essa alta frequência entre os meninos pode estar associada à tendência das meninas em demonstrar um quociente de inteligência mais baixo do que os meninos.

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu o dia 2 de abril como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo, com o intuito de sensibilizar a população sobre a importância de compreender e tratar esse transtorno, que afeta aproximadamente 70 milhões de pessoas em todo o mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (Fernandes, 2024).

O TEA é uma condição complexa resultante de uma falha no desenvolvimento, caracterizada por déficits em três áreas principais: interação social, comunicação e comportamento. Essas alterações costumam surgir antes dos três anos (Silva *et al.*, 2024).

Segundo Silva *et al.* (2024), os indícios e sintomas que surgem nos primeiros meses de vida de uma criança geralmente são percebidos pelos pais, que frequentemente relatam que seus filhos demonstram isolamento, não demonstram interesse por afeto, são pouco expressivos em choros, têm dificuldade em estabelecer contato visual e também mostram hipoatividade. Mais tarde, essas crianças podem apresentar rigidez na rotina, movimentos repetitivos e estereotipados, inquietação, irritabilidade, dificuldade de fala e interação social.

Os sinais que indicam a suspeita de autismo incluem comportamento visual atípico, falta de resposta ao próprio nome, ausência de gestos para apontar ou mostrar, pouca interação durante as brincadeiras, falta de sorriso, dificuldade em compartilhar e desinteresse por outras crianças (Guimaraes, 2023).

Segundo Guimaraes (2023), atrasos simultâneos na linguagem e nas habilidades sociais, bem como a regressão dessas habilidades, são alertas precoces que indicam a necessidade de uma avaliação imediata, as pessoas com TEA podem apresentar outros distúrbios, como epilepsia, depressão, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

As características essenciais do TEA são compostas por três esferas do desenvolvimento, prejuízo persistente na comunicação, na interação social e no comportamento, apresentando padrões repetitivos. A criança com TEA apresenta um importante déficit na reciprocidade sócio emocional, essa criança pode apresentar pouca ou nenhuma capacidade em iniciar uma interação social e em demonstrar ou compartilhar emoções (APA, 14 C.E.).

A American Psychiatric Association (APA, 14 C.E.) divide o autismo em três níveis. A gravidade do TEA é classificada considerando o grau de sua dependência, assim como é demonstrado no Quadro 1.

QUADRO 1- NÍVEIS DE GRAVIDADE PARA O TEA, SEGUNDO A AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION

Nível de gravidade	Comunicação Social	Comportamentos
Nível 1	Dificuldade em iniciar interações sociais, demonstrando um interesse reduzido nessas conexões e reações incomuns	Dificuldade em transitar entre atividades e questões relacionadas à organização e planejamento
Nível 2	Significativa dificuldade na comunicação social, tanto verbal quanto não verbal, manifestando respostas limitadas e um déficit significativo na interação social, mesmo quando há suporte presente	Comportamento rígido, presença de padrões repetitivos e restritos mais evidentes, resultando em maiores restrições para o indivíduo
Nível 3	Extrema dificuldade na comunicação social, tanto verbal quanto não verbal, com respostas mínimas e um déficit significativo na interação social. A fala é pouco clara, limitada a poucas palavras e apenas para atender às necessidades básicas	Comportamento rígido e extrema resistência à mudança, manifestando movimentos altamente limitados e repetitivos que têm um impacto significativo em várias situações

FONTE: Adaptado de APA (2014)

O transtorno do espectro autista é uma condição altamente complexa que requer abordagem multidisciplinar para promover uma melhoria abrangente no paciente. Portanto, o diagnóstico precoce do TEA é crucial para diferenciar as crianças que terão maior autonomia no futuro das que sempre dependerão de assistência. Quanto mais cedo o autismo for identificado, mais eficazes serão as intervenções, uma vez que os sintomas estarão menos consolidados (Guimaraes, 2023).

No que diz respeito ao contexto familiar, é fundamental destacar que a chegada de uma criança é um momento de grande expectativa para toda a família, que espera que durante a gestação o bebê se desenvolva e nasça saudável, correspondendo às expectativas (Pinto & Muller, 2019). Segundo M. M. Pinto & Muller (2019), à medida que o tempo passa após o nascimento, os pais começam a notar peculiaridades nos comportamentos de seu filho, como diferentes tipos de choro e a presença ou ausência de lágrimas. Esses gestos ajudam a mãe a compreender seu filho. No entanto, em alguns casos, esse processo não ocorre conforme o esperado, como nas crianças que estão no Espectro Autista, que geralmente são muito inquietas ou agitadas e não estabelecem um sorriso social.

IMPACTO DO DIAGNÓSTICO E A REPERCUSSÃO NAS RELAÇÕES FAMILIARES

A descoberta de ser pai ou mãe de uma criança com autismo desperta uma gama de sentimentos diversos. A expectativa de ter um filho típico e saudável desaparece, o autismo do filho leva os pais a enfrentarem sentimentos de luto pela criança saudável que esperavam. Portanto, eles manifestam emoções de desvalorização por serem destinados a vivenciar essa situação (Quintanilha *et al.*, 24 C.E.).

O autismo é hoje um tema em evidência em todo o mundo, no Brasil, em termos de legislação, houve vários avanços, o que contribui para uma melhor compreensão social e a formação de uma rede de apoio, entretanto, a família ainda enfrenta inúmeras dificuldades no dia a dia e no cuidado geral da criança (Bonfim *et al.*, 2020).

O momento em que o TEA é diagnosticado é marcado por uma variedade de emoções e sensações, especialmente quando se trata de uma criança. As dinâmicas familiares tendem a se transformar, uma vez que cada membro desempenha um papel crucial no sistema familiar como um todo. Portanto, quando algo significativo como o diagnóstico é revelado, a família como um todo precisa de alguma forma se adaptar (Fontana *et al.*, 2020).

Após o diagnóstico, algumas famílias experimentam sentimentos de culpabilidade e aflição, passando por um processo de recusa, pois é desafiador acreditar que seu filho possa ter algum transtorno. A vulnerabilidade percebida pelos pais da criança com espectro autista os leva a buscar confirmação do diagnóstico, consultando vários especialistas na esperança de refutar (Passos & Kishimoto, 2022).

Segundo Passos & Kishimoto (2022), no que diz respeito aos aspectos familiares, é relevante destacar que a chegada de uma criança é sempre aguardada por toda a família, ansiando que durante o período gestacional, o bebê se desenvolva, nasça saudável e, correspondendo ao que se espera.

Como o aumento no número de diagnósticos de autismo em crianças, é comum encontrar pais e familiares despreparados para essa nova realidade. Eles podem se sentir perdidos, sem saber como lidar com a situação. Uma das maiores preocupações iniciais está relacionada à criança, pois surgem muitas perguntas e incertezas sobre os próximos passos a serem dados (Fontana *et al.*, 2020).

Geralmente, são os pais os primeiros a suspeitar do TEA, porém, a falta de conhecimento sobre os marcos do desenvolvimento esperados para cada faixa etária pode atrasar a busca por ajuda. O processo de aceitação é difícil para todos, especialmente para os pais, e grande parte disso vem da falta de informação de conscientização acerca do TEA (Passos & Kishimoto, 2022).

Segundo Passos & Kishimoto (2022), os pais são os mais afetados, pois precisam repensar seus papéis desempenhados no núcleo familiar como, por exemplo, quem vai suprir as necessidades financeiras e quem vai dedicar seu tempo integralmente ao cuidado do filho.

No contexto do desenvolvimento de crianças com TEA, é possível observar a sobrecarga física e psicológica dos pais, resultante das atividades da vida diária acompanhadas de elevados níveis de estresse e baixa qualidade de vida (Reis & Pereira, 2023).

Os pais relatam mudanças na rotina familiar, com ênfase na sobrecarga experimentada devido aos cuidados dedicados à criança, todo esse processo requer não apenas orientação, mas também suporte psicológico e emocional. Frequentemente, a sobrecarga se manifesta não só por questões psicológicas, como depressão, ansiedade e estresse, mas também por problemas físicos, como lesões musculoesqueléticas, decorrentes do cuidado com as crianças (Moreira *et al.*, 2020).

Segundo Moreira *et al.* (2020), um aspecto positivo é quando a família, enquanto cuidadora, consegue reconhecer a necessidade de desenvolver habilidades de adaptação, resiliência e controle emocional.

O vínculo familiar desempenha um papel crucial no apoio ao tratamento de crianças diagnosticadas com autismo. Muitas vezes, não se reconhece o impacto significativo dessa descoberta nos pais, especialmente nas mães, que precisam adaptar toda sua vida e rotina para garantir que seu filho receba o suporte necessário o mais rapidamente possível (Fontana *et al.*, 2020).

Segundo Fontana *et al.* (2020), a vida social, afetiva e profissional dos pais pode ser drasticamente afetada, pois enfrentam o desafio de integrar seu filho na sociedade e protegê-lo do preconceito. Isso inevitavelmente resulta em esgotamento físico e emocional, acompanhado de questionamentos sobre suas expectativas para o filho, medos, estresse e uma gama de emoções complexas enquanto enfrentam essa nova realidade.

No entanto, a inclusão da criança com autismo pela família reduz o efeito do diagnóstico e facilita que os laços familiares se fortaleçam, especialmente entre os pais e os irmãos. Por outro lado, alguns integrantes da família se distanciaram devido ao preconceito, especialmente os parentes do lado paterno, resultando na ruptura de vínculos afetivos e sentimentos de tristeza e desapontamento para a mãe (Bonfim *et al.*, 2020).

Em certos contextos matrimoniais, a separação do casal surge das dificuldades e barreiras percebidas, diante das obrigações necessárias no cuidado da criança com transtorno, um dos motivos para esse cenário ocorrer está nos papéis de gênero presentes nessa interação (Passos & Kishimoto, 2022).

Assim, a responsabilidade de cuidar de uma criança com TEA contribui para consequências físicas e psicológicas, como depressão e ansiedade. Estudos indicam que grande parte dos casos de ansiedade são percebidos pelas mães, que geralmente passam mais tempo em contato com a criança e sacrificam seu próprio bem-estar (Meireles *et al.*, 2023).

Portanto, quanto mais cedo o TEA for diagnosticado, melhor será o prognóstico. Consequentemente, o plano de tratamento deve ser adaptado às diferentes fases da vida de cada paciente. Apesar da falta de cura para o TEA, o tratamento visa ajudar os pacientes a alcançarem maior independência nas atividades diárias (Pinto & Muller, 2019).

É comum que crianças autistas sejam diagnosticadas até os três anos de idade. Nesse estágio, são extremamente pequenas e exigem cuidados meticulosos, destacando a importância da presença de um enfermeiro para orientar a família nesse processo (Machado *et al.*, 2018).

A falta de estímulos pode levar as crianças a se apegarem a rotinas rígidas, usando sempre os mesmos brinquedos e frequentando os mesmos lugares. Autistas enfrentam dificuldades com mudanças e tendem a resistir a elas, preferindo manter a estabilidade na rotina (Bulhões *et al.*, 2023).

Assim, intervenções específicas e precoces são essenciais para promover o desenvolvimento da criança, reduzir os sintomas e ampliar as opções terapêuticas. O diagnóstico do autismo geralmente se baseia na avaliação clínica das características apresentadas pela criança (Oliveira & Silva, 2024).

O ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO AUTISTA E SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DA DESCOBERTA

O autismo é uma condição desafiadora para diversos profissionais de saúde, uma vez que esse transtorno se manifesta por meio de diversos sintomas e características, que variam de fatores cognitivos e comportamentais, o enfermeiro tem o papel de inserir a criança autista na sociedade, sendo agente de socialização, diante da criança autista, juntamente com a família (Bonfim *et al.*, 2020).

Embora os autistas tenham um déficit em demonstrar seus sentimentos, é papel dos enfermeiros estimular esses sentimentos, com a demonstração de carinhos por meio do toque, claro que de forma suave para não assustar a criança, além de estar sempre atento ao comportamento, e sempre buscando a inserção dessas crianças com as demais e buscando rotinas alternativas. É dever dos enfermeiros identificar as necessidades da criança, observando e acompanhando cuidadosamente a linguagem não verbal e estimular a comunicação satisfatória (Oliveira *et al.*, 2017).

A assistência de enfermagem à criança autista está relacionada na escuta qualificada, uma vez que os enfermeiros são os profissionais que têm o primeiro contato com a criança autista, pois a consulta de Enfermagem está contemplada, como atividade privativa do enfermeiro, na Lei do

Exercício Profissional n.º 7.498/86, no seu art.11, inciso I, alínea i, sendo, que tem a realização em todos os níveis de assistência à saúde pública ou privada, passando assim orientação à família, se tornando um elo entre a equipe multiprofissional e os cuidadores da criança autista (Magalhães *et al.*, 2020).

O processo de descoberta pela família pode ser bem doloroso, muitos pais se julgam culpados e sofrem fortes abalos psicológicos, desencadeando assim, tristeza e até quadro de depressão, cabendo ao profissional de enfermagem orientar os familiares no sentido de demonstrar que eles não são culpados, além de fornecer o amparo, assim, seu papel é no sentido de apoiar, cuidar e orientar (Magalhães *et al.*, 2020).

Nesse contexto, vale destacar que o profissional de enfermagem é muito importante para avaliar as famílias que convivem com os autistas, no sentido de que esses profissionais possam acompanhar e auxiliar as famílias nos cuidados. No entanto, para isso, é indispensável que os enfermeiros detenham conhecimentos técnicos sobre o autismo, podendo criar meios que possam diminuir os impactos e demora no processo de descoberta (Magalhães *et al.*, 2020).

Entretanto, a in experiência dos profissionais de enfermagem no cuidado à criança com TEA, tem sido evidenciada. Com dificuldade no manejo da triagem e na identificação precoce dos primeiros indícios do transtorno, devido à carência de conhecimento, habilidade e, consequentemente, de estratégias para reconhecer essas alterações no desenvolvimento das crianças sob seus cuidados (Pinto & Muller, 2019).

Além disso, a falta de familiaridade dos enfermeiros com o TEA, evidencia a incapacidade desses profissionais em manejar o tratamento desses pacientes. Demonstrando incapacidade em conduzir uma assistência de saúde adequada e eficaz, assim como na habilidade para implementar métodos de educação e adaptação social para crianças autistas (Nascimento *et al.*, 2022).

O déficit de conhecimento entre os profissionais de enfermagem sobre o TEA resulta em uma assistência inadequada aos pacientes com esse transtorno. Devido aos profissionais não receberem durante a graduação o treinamento adequado para lidar com crianças autistas, ressalta-se a necessidade urgente de uma formação adequada para compreender o comportamento individual de cada paciente e respeitar suas necessidades específicas (Oliveira & Camargo Júnior, 2024).

ATUAÇÃO DA ESCOLA NO PROCESSO EDUCACIONAL DA CRIANÇA COM TEA

É crescente o número de diagnósticos de TEA, exigindo das escolas cada vez mais preparo e compreensão da forma de desenvolvimento do transtorno e também formas de lidar em situações desafiadoras. O professor é extremamente importante nesse processo, pois a sua forma de condução será um diferencial no alcance de objetivos traçados para a criança, quanto a seu desenvolvimento (Adurens & Vieira, 2018).

Entretanto, há ainda muita demanda de profissionais que sejam qualificados adequadamente para suprir essa necessidade. Hoje em dia, ainda existem muitos estudantes com autismo que não possuem o tipo de cuidado que lhe é devido na sala de aula, ou seja, existem cenários de presença de cuidadores irregulares em classe ou até mesmo da ausência dos mesmos quando necessário (Marques & Santos, 2023).

A instituição educacional é reconhecida como um espaço significativo para aprimorar habilidades sociais e cognitivas de crianças, abrangendo também aquelas com TEA, a inclusão desses estudantes nas escolas implica em inseri-los em ambientes educativos convencionais,

proporcionando um ensino ajustado às suas necessidades individuais e cultivando um ambiente de aprendizado abrangente e variado (M. E. B. do Nascimento *et al.*, 2024).

A integração em salas de aula convencionais promove uma compreensão mais profunda da diversidade humana, desenvolvendo habilidades sociais e empatia entre todos os alunos, por meio da integração, os estudantes com TEA têm a chance de aprimorar suas capacidades de comunicação e interação social, enquanto os outros alunos desenvolvem a habilidade de reconhecer e acolher as variações individuais, colaborando assim para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente (Monteiro, 2024).

Ao ingressarem em escolas e creches, os sinais podem ser notados pelos professores, que podem auxiliar no diagnóstico. Se esses sinais forem negados, as crianças se tornam jovens e adultos que, sem a devida intervenção, correm o risco de ver o transtorno se agravar (Bezerra *et al.*, 2023).

Quando discutimos o TEA, estamos nos referindo a indivíduos que, segundo o DSM-5, apresentam duas características principais: déficits na comunicação social e na interação social em diferentes contextos, além de padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 14 C.E.).

A Educação Inclusiva é um tema complexo, a presença de estudantes com TEA em escolas de ensino regular é relativamente nova e suscita grandes debates devido às necessidades específicas desse grupo e às suas demandas educacionais. Os educadores questionam, em especial, como promover a aprendizagem e o desenvolvimento desses alunos, a educação inclusiva deve ser oferecida com o intuito de integrar o aluno com necessidades educacionais especiais, o que implica adaptar a escola às suas necessidades individuais, um desafio significativo (Melo & Souza, 2024).

No entanto, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) e a Lei Berenice Piana 12.764/12, que estabelece a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, asseguram a inclusão escolar de estudantes que são alvo da educação especial. Essas políticas também definem como esse serviço deve ser prestado e quais profissionais estão envolvidos no processo educacional (Medeiros, 2023).

Todavia, em relação ao TEA, estudos vêm relatando várias dificuldades quanto ao processo de inclusão escolar. De acordo com a maior dificuldade decorre do desconhecimento sobre a deficiência, aliado ao despreparo dos setores pedagógicos para a realização do processo de inclusão (C. de J. S. Magalhães *et al.*, 2017).

De acordo com Magalhães *et al.* (2017), o processo de inclusão exige conhecimentos específicos sobre conceitos, práticas, conteúdos, adaptações e outras especificidades, que muitos profissionais e instituições desconhecem ou não praticam. Assim, apesar dos documentos que amparam legalmente os direitos das pessoas com autismo, ainda há despreparo e desconhecimento sobre as práticas que visam à garantia concreta desses direitos e a busca pela promoção de uma inclusão como ação fortalecedora dos direitos humanos e educacionais.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, com abordagem descritiva. A pesquisa descritiva caracteriza-se por registrar e analisar os fatos sem que haja sua manipulação, buscando descrever as características de determinada população ou fenômeno, bem como estabelecer possíveis relações entre variáveis (Creswell, 2021).

Comentado [A1]: Se faz necessário indicar:

- Referencia ou derivação metodológica (uma vez que há vários modelos de entendimento de como se conforma uma revisão narrativa)..
- Período de realização das buscas;
- As buscas foram feitas apenas em ambientes virtuais? Favor indicar.
- Quantos pesquisadores envolvidos? Favor indicar
- Favor indicar qual critério de referência para escolha final dos artigos que fizeram parte da revisão.

A revisão foi realizada por meio de pesquisa nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE). Utilizou-se ainda o Google Acadêmico como ferramenta complementar de localização de artigos científicos, respeitando os critérios de inclusão definidos para este estudo. A coleta de dados foi realizada durante o primeiro semestre de 2024 (2024/1), abrangendo publicações do período de 2014 a 2024. Foram utilizados os seguintes descritores: “Autismo Infantil”, “Diagnóstico” e “Relações Familiares”.

A amostra foi composta por 42 documentos, entre artigos e manuais científicos, distribuídos da seguinte forma após a filtragem dos resultados: 6 documentos da BVS, 1 do DSM-5, 5 da MEDLINE, 14 da SciELO e 16 oriundos de outros materiais identificados por meio de ferramentas de busca acadêmica, como o Google Acadêmico.

Os critérios de inclusão adotados foram: materiais de procedência nacional; conteúdo diretamente relacionado ao tema proposto; textos disponíveis na íntegra e de forma gratuita; artigos científicos publicados e indexados nas bases mencionadas no período de 2014 a 2024; e textos em língua portuguesa.

Foram excluídos: artigos que não se enquadravam na temática abordada; publicações fora do período estabelecido (2014–2024); documentos sem data de publicação; artigos repetidos entre as bases consultadas; e materiais com acesso restrito à íntegra.

Após a seleção, os dados foram organizados e analisados com base na literatura pertinente, sendo apresentados de forma descritiva, tabular e gráfica, conforme demonstrado na seção seguinte.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente foram encontrados 448 artigos nas bases de dados, BVS 100, DSM-5 1, 322 materiais classificados como “outros” referente aos identificados por meio da plataforma de busca acadêmica Google Acadêmico e documentos oficiais publicados por órgãos governamentais., MEDLINE 31, SciELO 34 e DSM-5 01, conforme demonstrado no Quadro 2. Em seguida foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão, permitindo identificar artigos que abordassem o tema sobre Autismo infantil: impacto diagnóstico, saúde, e repercussões nas relações familiares e educacionais, totalizando 42 estudos.

O Quadro 2 apresenta os resultados obtidos nas buscas das bases de dados consultadas.

QUADRO 2 - RESULTADOS DAS BUSCAS NAS BASES DE DADOS CONSULTADAS

Base de dados	Resultado inicial	Filtragem dos resultados
BVS	100	6
DSM-5	1	1
MEDLINE	31	5
SCIELO	34	14
Outros materiais	322	16
Total	448	42

Fonte: elaborado pelos autores

Detalhando o Quadro 2, foram analisados 42 artigos que descrevem o autismo infantil: impacto diagnóstico e repercussões nas relações familiares, foram encontrados 06 artigos na base de dados BVS, 05 MEDLINE, 01 no DSM-5, 16 Outros Materiais, 14 SciELO, onde contemplam os artigos que seguiram os critérios de inclusão e exclusão.

Para dar início à análise da literatura e apresentação dos resultados, foi construído o Quadro 3, com os seguintes dados: ano de publicação, título da obra, autores, objetivos da pesquisa e as considerações principais.

QUADRO 3 - SUMARIZAÇÃO EM ORDEM CRONOLÓGICA CRESCENTE, DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS QUE EMBASARAM O PRESENTE ESTUDO

Ano	Título	Autor	Objetivos	Considerações principais
2016	Autismo infantil: Impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares	Pinto <i>et al.</i>	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares	É fundamental que o profissional de saúde que vai comunicar o diagnóstico de autismo esteja preparado para orientar a família de forma eficaz, ajudando-os a lidar com os desafios associados à síndrome e a desenvolver habilidades para cuidar do autista com autonomia
2018	Tornar-se família de uma criança com TEA	Machado <i>et al.</i>	Refletir sobre o tornar-se família de uma criança com TEA a partir das repercussões do transtorno nas famílias, das características, das perspectivas futuras destas e de como elas se reconhecem nesse contexto.	Os desafios enfrentados pelas famílias de crianças com TEA
2018	Criança com TEA: Cuidado na perspectiva familiar	Mapelli <i>et al.</i>	Conhecer a experiência da família no cuidado da criança com TEA e discutir possibilidades de cuidado em saúde	As evidências comportamentais nem sempre resultam em um diagnóstico precoce, o que pode levar a dificuldades relacionais que se tornam proeminentes posteriormente. Isso impacta tanto a família quanto as interações externas, incluindo outros membros da família, profissionais de saúde, a sociedade em geral e instituições
2019	(Auto)narrativas em/na família: Cognição e emoção	Pinto <i>et al.</i>	Contribuir para que as famílias possam reorganizar-se a partir das reflexões sobre as vivências dentro de suas realidades	É perceptível uma cultura profundamente arraigada na abordagem do autismo que se concentra em reforços, repetições e comportamentos automatizados, o que representa um movimento claramente oposto às condições autopoieticas dos seres humanos
2020	Vivências familiares na descoberta do TEA: Implicações para a enfermagem familiar	Bonfim <i>et al.</i>	Descrever a vivência da família no processo de descoberta do diagnóstico e início do tratamento de crianças com TEA	Destaca-se a importância do apoio oferecido por enfermeiros, profissionais de saúde, escolas e serviços de suporte social à família e às crianças ao longo dessa jornada
2020	O impacto do transtorno autista nas relações familiares	Fontana <i>et al.</i>	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares	O profissional de saúde que comunica o diagnóstico de autismo precisa estar apto a preparar a família de forma mais eficaz para lidar com os desafios impostos pela síndrome e para adquirir autonomia no cuidado ao autista
2020	Sobrecarga do cuidador informal	Moreira <i>et al.</i>	Aliar a sobrecarga objetiva e subjetiva de	A sobrecarga experimentada pela família e a consequente interferência na

	de crianças com TEA		familiares cuidadores de criança com TEA	qualidade de vida desse grupo destacam a necessidade urgente de desenvolvimento de novas técnicas de suporte familiar
2020	Coparentalidade no contexto familiar de crianças com TEA	Portes <i>et al.</i>	Compreender a percepção de pais e mães com filhos diagnosticados com TEA, de sua relação coparental	Foi observada a necessidade de acompanhamento psicológico dos pais, especialmente das mães, para que possam desenvolver estratégias de enfrentamento diante da intensidade dos cuidados com o filho e das responsabilidades domésticas, o que por vezes leva à renúncia à carreira profissional
2022	O impacto do diagnóstico de TEA na família e relações familiares	Passos <i>et al.</i>	Conhecer casos de diagnóstico de autismo e como esse acontecimento foi percebido pelos pais	Foi observado que a forma como a notícia é recebida, destacando as limitações ou potencialidades, influencia como a família investe na criança
2023	Direitos dos autistas: Uma análise do tema à luz da constituição federal e da seguridade social	Medeiros	Análise legislativa, explorando o ordenamento jurídico voltado aos autistas, partindo da Constituição Federal de 1988	A finalidade é estabelecer uma conexão entre os direitos das pessoas autistas e o sistema de seguridade social no Brasil
2023	O espectro autista infantil e a convivência familiar: Um estudo da literatura	Guimarães <i>et al.</i>	Relatar segundo a literatura, as emoções e sentimentos dos pais ou responsáveis perante o diagnóstico de autismo e suas repercussões na vida familiar	O estudo permitiu destacar que os pais ou responsáveis pelas crianças com TEA experimentam estresse, sobrecarga e angústia emocional no cuidado diário
2023	TEA: Breve história para uma longa discussão	Souza <i>et al.</i>	Busca teórica inicial, destacando as informações que se tem sobre o tema a fim de instigar discussões e reflexões sobre o autismo, a partir das informações e debates presentes	Foi possível deduzir que no contexto do TEA, há muitas dúvidas e as respostas ainda são insuficientes
2023	Os desafios educacionais frente a inclusão de alunos autistas no ensino fundamental: Uma revisão narrativa	Marques <i>et al.</i>	Expor as informações mais relevantes sobre os desafios educacionais perante aos aspectos de inclusão e direitos dos portadores do TEA, no ensino fundamental, através de uma revisão narrativa	É viável avaliar a dificuldade de uma criança com autismo em compreender o que está acontecendo ao seu redor e assimilar instantaneamente tudo o que lhe é proposto
2023	A maternidade atípica: Narrativas de uma mãe com três filhos com TEA	Bulhões <i>et al.</i>	Relatar as experiências e narrativas de uma mulher enquanto mãe de três filhos com TEA	A pesquisa sobre as necessidades de saúde da família e a escuta das narrativas de uma mãe permitiram entender a interação social e a dinâmica de vida dessas pessoas
2023	Características sociodemográficas	Pedroso <i>et al.</i>	Avaliar o impacto de características	Foi observado que a maioria das mães/pais/cuidadores apresentavam

	e sinais de depressão e ansiedade em mães/pais/cuidadores de autistas		sociodemográficas sobre a intensidade de sinais de depressão e ansiedade em mães/pais/cuidadores de pessoas no espectro autista	sintomas mínimos de depressão e ansiedade, embora uma parte deles já demonstrasse sintomas moderados de depressão e leves de ansiedade
2023	Percepções de familiares sobre uma rede de cuidados de saúde mental infantojuvenil	Reis <i>et al.</i>	Conhecer como a rede de cuidados em saúde tem se operacionalizado a partir da percepção de familiares de crianças com demanda de cuidado em saúde mental	As percepções dos familiares sobre a rede de cuidados de saúde mental e a assistência fornecida às suas crianças indicam tanto avanços quanto desafios em relação ao funcionamento da política de saúde mental infantojuvenil
2024	Os impactos do diagnóstico do TEA na psicodinâmica familiar	Quintanilha <i>et al.</i>	Analisar o impacto do diagnóstico do TEA na psicodinâmica familiar, com foco em famílias despreparadas	O processo de aceitação após o diagnóstico do autismo requer a adaptação à rotina familiar e a construção de uma rede de apoio robusta
2024	Importância do diagnóstico precoce autista	Oliveira <i>et al.</i>	Conhecer sobre a importância do diagnóstico autista, pois ainda são encontradas muitas dificuldades na identificação precoce do TEA	É sabido que há escassez de recursos instrumentais para realizar o diagnóstico de indivíduos com suspeita de autismo

Fonte: elaborado pelos autores

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) compromete significativamente o desenvolvimento social, comunicativo e comportamental da criança, sendo classificado por muitos estudos como uma perturbação psíquica e psiconeurológica que afeta de forma crônica o desenvolvimento infantil (APA, 14 C.E.; Lavor *et al.*, 2021). Conforme demonstrado na Tabela 1, 55,6% dos artigos analisados apontam o prejuízo nas três principais esferas do desenvolvimento como o aspecto mais relevante do TEA, evidenciando a complexidade do transtorno e os desafios inerentes à sua identificação precoce e manejo.

Portanto, segundo Lavor *et al.* (2021), destaca-se a importância da realização de estudos nesse campo, especialmente em escala nacional, para promover reflexões e questionamentos sobre o assunto em foco.

Nesse contexto, o diagnóstico do TEA representa um marco na dinâmica familiar, impactando profundamente o equilíbrio emocional, a rotina doméstica e as relações interpessoais. Estudos como os de Pinto *et al.* (2016) e Fontana *et al.* (2020) destacam que o momento da revelação do diagnóstico requer preparo técnico e emocional por parte dos profissionais de saúde, pois a forma como a informação é transmitida influencia diretamente a aceitação familiar e o investimento no desenvolvimento da criança (Passos *et al.*, 2022; Quintanilha *et al.*, 2024). A sobrecarga emocional e prática vivida pelos pais, em especial pelas mães, é uma constante em diversos relatos, refletindo sintomas de ansiedade e depressão (Pedroso *et al.*, 2023) e demandando suporte psicológico e social estruturado (Portes *et al.*, 2020; Bonfim *et al.*, 2020).

TABELA 1 - ASPECTOS RELEVANTES SOBRE O AUTISMO INFANTIL

Parâmetros de avaliação	N.	%
Transtorno/Distúrbio compromete o desenvolvimento social, comunicativo e comportamental	5	55,6
Perturbação Psíquica/ psiconeurológica	2	22,2
Falta de contato emocional com outros indivíduos	2	22,2
Total	9	100

Fonte: elaborada pelos autores

A Tabela 1 se refere aspectos relevantes, tendo com uma amostra de 09 artigos científicos, equivalente a 100%, sendo que o transtorno/distúrbio compromete o desenvolvimento social, comunicativo e comportamental, se mostra evidente com maior índice 55,6%, o entendimento sobre o autismo infantil e suas características vem sendo debatido, na tentativa de melhor identificação das crianças com TEA. A perturbação psíquica/ psiconeurológica e a falta de contato emocional com outros indivíduos correspondem a 22,2% cada uma, demonstrando que afeta de forma crônica todos os aspectos do desenvolvimento infantil.

As características essenciais do TEA são compostas por três esferas do desenvolvimento, prejuízo persistente na comunicação, na interação social e no comportamento, apresentando padrões repetitivos. A criança com TEA apresenta um importante déficit na reciprocidade sócio emocional, essa criança pode apresentar pouca ou nenhuma capacidade em iniciar uma interação social e em demonstrar ou compartilhar emoções (APA, 14 C.E.).

TABELA 2 - ASPECTOS IMPORTANTES SOBRE O CUIDADO DA ENFERMAGEM ÀS CRIANÇAS SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Parâmetros de avaliação	N.	%
Orientação a família	2	28,5
Inserção das crianças na sociedade/socialização	2	28,5
Carência/ Déficit de conhecimento	3	43
Total	7	100

Fonte: elaborado pelos autores

Ademais, a atuação da enfermagem se destaca como essencial no processo de cuidado e orientação às famílias. Conforme demonstrado na Tabela 2, 43% dos artigos apontam a carência de conhecimento técnico por parte dos profissionais de enfermagem como um fator crítico que compromete a qualidade da assistência oferecida às crianças com TEA.

A ausência de preparo adequado dificulta a triagem precoce e o reconhecimento dos sinais iniciais do transtorno (Nascimento *et al.*, 2022), o que pode agravar os impactos no desenvolvimento da criança e no bem-estar familiar. A orientação às famílias e o incentivo à socialização são aspectos importantes do cuidado, conforme sugerem Magalhães *et al.* (2017) e Oliveira *et al.* (2024), e devem ser incorporados como práticas permanentes na atuação dos profissionais de saúde.

Outro ponto crucial na discussão sobre o TEA é a inclusão escolar. De acordo com os dados da Tabela 3, 55,6% dos estudos enfatizam a importância da inclusão escolar das crianças autistas, ressaltando o papel fundamental da escola como espaço de desenvolvimento cognitivo, social e emocional. No entanto, ainda se observa a presença de cuidadores não qualificados (22,2%) e professores despreparados para lidar com as especificidades do transtorno (Marques *et al.*, 2023; Nascimento *et al.*, 2024), o que pode comprometer o processo educacional e a inserção

social da criança com TEA. A formação continuada de educadores, bem como o fortalecimento das redes de apoio dentro das instituições escolares, são medidas urgentes e necessárias.

TABELA 3 - PRINCIPAIS ASPECTOS RELACIONADOS AO PROCESSO EDUCACIONAL E O AUTISMO

Parâmetros de avaliação	N.	%
Inclusão escolar de crianças autistas	5	55,6
Professor no processo do desenvolvimento	2	22,2
Cuidadores não qualificados	2	22,2
Total	9	100

Fonte: elaborado pelos autores

Em termos legislativos, destaca-se a análise de Medeiros (2023), que relaciona os direitos das pessoas com TEA ao sistema de seguridade social no Brasil. Isso evidencia a necessidade de uma abordagem integrada, que envolva não apenas o setor saúde e educação, mas também políticas públicas que garantam o acesso a direitos e serviços fundamentais.

Portanto, os dados apontam para a necessidade de formação técnica e emocional contínua dos profissionais de saúde e educação, políticas públicas inclusivas, fortalecimento da rede de apoio às famílias e maior produção científica sobre o tema. Ainda há lacunas significativas na assistência e no suporte às famílias de crianças com TEA, sendo indispensável o investimento em estratégias de cuidado intersetorial e humanizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou enfatizar o autismo infantil: impacto diagnóstico e repercussões familiares. A partir dos resultados obtidos pôde-se compreender que a revelação diagnóstica do TEA ocasiona importantes repercussões no contexto familiar, especialmente no que concerne à relação entre os familiares. A identificação do autismo causa descontinuidade na vida familiar ao interromper atividades sociais consideradas padrão, alterando o ambiente emocional existente. Assim, o estudo destaca que o TEA é uma condição complexa resultante de uma falha no desenvolvimento, caracterizada por déficits em três áreas principais: interação social, comunicação e comportamento. Essas alterações costumam surgir antes dos três anos de idade. Os indícios e sintomas que surgem nos primeiros meses de vida de uma criança geralmente são percebidos pelos pais, que frequentemente relatam que seus filhos demonstram isolamento, não demonstram interesse por afeto, são pouco expressivos em choros, têm dificuldade em estabelecer contato visual e também mostram hipoatividade. Mais tarde, essas crianças podem apresentar rigidez na rotina, movimentos repetitivos e estereotipados, inquietação, irritabilidade, dificuldade de fala e interação social.

Nesse contexto, é relevante ressaltar que o enfermeiro desempenha um papel crucial na avaliação das famílias que, profissionais da educação e da saúde que convivem com crianças autistas, com o objetivo de que esses profissionais possam acompanhar e apoiar as famílias nos cuidados. Contudo, para isso, é essencial que os enfermeiros possuam conhecimentos teóricos sobre o autismo, sendo capazes de desenvolver abordagens que possam reduzir os impactos e a demora no diagnóstico.

No entanto, tem-se observado a falta de experiência dos profissionais de enfermagem na assistência a crianças com TEA. Eles enfrentam dificuldades no manejo da avaliação inicial e na identificação precoce dos primeiros sinais do transtorno, devido à falta de conhecimento,

habilidade e, conseqüentemente, de estratégias para reconhecer essas mudanças no desenvolvimento das crianças sob seus cuidados.

Contudo, sabe-se que os estudos mais recentes são unânimes ao afirmar que mesmo com o número avançado de crianças com TEA o conhecimento sobre ainda é pouco difundido, dentro e fora das escolas. O papel da escola é fundamental na detecção precoce do TEA, através da detecção de padrões comportamentais distintivos. O professor com um entendimento aprofundado sobre o assunto pode intervir de maneira a evitar complicações e promover a facilitação do aprendizado para o estudante. A comunicação com a família também se revelou um elemento fundamental nesse processo, sendo necessário manter sempre um diálogo entre a escola e os responsáveis, para garantir um acompanhamento contínuo e integrado.

Assim, conclui-se que o tema em estudo tem grande relevância, porém existem diversos contextos, a ser disseminados acerca do TEA, dentre eles, a abordagem do tema nas grades curriculares dos cursos superiores para maior abrangência favorecendo pesquisa científica no meio acadêmico, e melhorando a atuação do enfermeiro e equipe multidisciplinar à criança com TEA, e conseqüentemente concretizando um atendimento qualificado e humanizado com ampliação de espaços nos serviços de saúde preparado para este público.

REFERÊNCIAS

- Adurens, F. D. L., & Vieira, C. M. (2018). Concepção de professores sobre a inclusão do aluno com autismo: uma pesquisa bibliográfica. *Cadernos de Pós-Graduação Em Distúrbios Do Desenvolvimento*, 18(2). <https://doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v18n2p94-124>
- APA. (14 C.E.). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. DSM-5 / American Psychiatric Association (APA)* (5th ed.). Artmed.
- Bezerra, D. da S., Da Silva, L. G., De Amorim, M. E., & Lopes, C. B. (2023). O papel da escola no processo educacional da criança com Transtorno do Espectro Autista. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, 16(11), 28978–28993. <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.11-251>
- Bonfim, T. de A., Giacon-Arruda, B. C. C., Hermes-Uliana, C., Galera, S. A. F., & Marchetti, M. A. (2020). Family experiences in discovering Autism Spectrum Disorder: implications for family nursing. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(suppl 6). <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0489>
- Bulhões, T. M. P., Bittencourt, I. G. de S., Souza, E. M. S. de, Cavalcanti, C. M. T. M., & Porto, M. E. A. (2023). Atypical motherhood: narratives of a mother with three children with autism spectrum disorder / A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com Transtorno do Espectro Autista. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 15, 1–6. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpco.v15.12213>
- Cabral, C. S., Falcke, D., & Marin, A. H. (2021). Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 27. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0156>
- Creswell, J. W. (2021). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (J. D. C. ; tradução por S. M. M. da R. ; revisão técnica de D. da S. John W. Creswell, Ed.; 5th ed.). Penso.
- Fernandes, F. R. (2024). *Convivendo com o TEA*. Autismo e Realidade. [https://autismoerealidade.org.br/convivendo-com-o-tea/perguntas-e-respostas/#:~:text=2.,do Espectro Autista \(TEA\)](https://autismoerealidade.org.br/convivendo-com-o-tea/perguntas-e-respostas/#:~:text=2.,do Espectro Autista (TEA))
- Fiera, J. T. (2017). *O desenvolvimento psicossocial na criança com autismo no espaço educativo: um estudo empírico bibliográfico à luz da psicanálise* [Dissertação]. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
- Fontana, L. B., Pereira, D. de S., & Rodrigues, T. P. (2020). O impacto do transtorno autista nas relações familiares. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(3), 6336–6340. <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n3-185>
- Guimaraes, L. T. (2023). *O espectro autista infantil e a convivência familiar: um estudo da literatura* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
- Jorge, R. S., Cunha, I. M. da S., & Santos, R. B. O. (2021). *E-book: Educação em foco: desafios e possibilidades*. Pantanal Editora. <https://doi.org/10.46420/9786588319574>
- Lavor, M. D. L. S. S., Lopes, C. N., Damaceno, M. M. D. P., Silva, L. A. Da, Alves, C. G. C., Filho, F. C., Menino, M. E. G., & Guedes, T. A. L. (2021). O autismo: aspectos genéticos e seus biomarcadores: uma revisão integrativa / Autism in genetic aspects and biomarkers: an integrative review. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(1), 3274–3289. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-258>
- Machado, A. de B., Silva, V. M. da, & Ferrari, D. (2024). Revisão Bibliométrica: O uso das Tecnologias como Ferramentas de Apoio para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista. *Internet Latent Corpus Journal*, 14(1).

- Machado, M. S., Londero, A. D., & Pereira, C. R. R. (2018). Tornar-se família de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. *Contextos Clínicos*, 11(3). <https://doi.org/10.4013/ctc.2018.113.05>
- Maciel Portes, J. R., & Vieira, M. L. (2020). Coparentalidade no Contexto Familiar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Psicologia Em Estudo*, 25. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44897>
- Magalhães, C. de J. S., Cruz, J. G. M., Moraes, C. S. de, & Sampaio, L. M. T. (2017). Práticas inclusivas de alunos com TEA: principais dificuldades na voz do professor e mediador. *Revista on Line de Política e Gestão Educacional*, 21(esp.2), 1031–1047. <https://doi.org/10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10386>
- Magalhães, J. M., Viana Lima, F. S., De Oliveira Silva, F. R., Mendes Rodrigues, A. B., & Gomes, A. V. (2020). Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. *Enfermería Global*, 19(2), 531–559. <https://doi.org/10.6018/eglobal.356741>
- Mapelli, L. D., Barbieri, M. C., Castro, G. V. D. Z. B., Bonelli, M. A., Wernet, M., & Dupas, G. (2018). Child with autistic spectrum disorder: care from the family. *Escola Anna Nery*, 22(4). <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0116>
- Marques, G. da S., & Santos, C. B. dos. (2023). Os desafios educacionais frente a inclusão de alunos autistas no ensino fundamental. *Diversitas Journal*, 8(4), 2764–2775.
- Medeiros, D. S. M. de. (2023). *Direitos dos Autistas: uma análise do tema à luz da Constituição Federal e da Seguridade Social* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/55679>
- Meireles, D. P., Filho, I. M. de M., Martins, S. E. M., Sousa, T. V. de, Arantes, A. A., Silva, M. V. da R. S. da, & Filha, F. S. S. C. (2023). Características sociodemográficas e sinais de depressão e ansiedade em mães/pais/cuidadores de autistas. *Journal Health NPEPS*, 8(1).
- Melo, G. P., & Souza, C. T. R. de. (2024). A formação do professor do ensino regular da educação de crianças do público-alvo da educação especial com transtorno do espectro autista (TEA) e as práticas pedagógicas na alfabetização. *Revista Saber Incluir*, 2(1). <https://doi.org/10.24065/rsi.v2i1.2574>
- Monteiro, J. L. (2024). Inclusão Escolar De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista (TEA). *Revista OWL (OWL Journal) - Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação*, 2(2), 473–490.
- Moreira, M. T. F., Lima, A. M. N., & Guerra, M. (2020). Sobrecarga do cuidador informal de crianças com transtorno do espectro do autista. *Journal Health NPEPS*, 5(1), 38–51.
- Nascimento, A. dos S., Gomes, A. M., Santos, B. C. da C., Neves, W. C., & Barbosa, J. de S. P. (2022). Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, 19, e10523. <https://doi.org/10.25248/reaenf.e10523.2022>
- Nascimento, M. E. B. do, Melo, A. B. O. de, Rufino, J. M., Guedes, A. S., & Nascimento, T. R. (2024). A Importância da Inclusão Escolar e Social em Crianças Autistas. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 6(1), 184–194. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n1p184-194>
- Nicoletti, M. A., & Honda, F. R. (2021). Transtorno do Espectro Autista: Uma Abordagem sobre as Políticas Públicas e o Acesso à Sociedade. *Infarma - Ciências Farmacêuticas*, 33(2), 117–130. <https://doi.org/10.14450/2318-9312.v33.e2.a2021.pp117-130>
- Oliveira, B. D. C. de, Feldman, C., Couto, M. C. V., & Lima, R. C. (2017). Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27(3), 707–726. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000300017>
- Oliveira, M. S. de, & Silva, E. A. da. (2024). A importância do diagnóstico precoce autista. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(4), 1809–1819. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i4.13774>
- Oliveira, L. B., & Camargo Júnior, W. F. de. (2024). Acesso à Educação de Crianças com Transtorno Espectro Autista sob a Ótica do Ordenamento Jurídico Brasileiro. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(5), 5676–5691. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i5.14293>
- OMS. (2022). *Versão final da nova Classificação Internacional de Doenças da OMS (CID-11) é publicada*. OPAS. <https://www.paho.org/pt/noticias/11-2-2022-versao-final-da-nova-classificacao-internacional-doencas-da-oms-cid-11-e>
- Passos, B. C., & Kishimoto, M. S. C. (2022). O impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e relações familiares / The impact of the diagnosis of Autism Spectrum Disorder on the family and family relationships. *Brazilian Journal of Development*, 8(1), 5827–5832. <https://doi.org/10.34117/bjdv8n1-394>
- Pinto, M. M., & Muller, C. A. (2019). (Auto)narrativas em/na família: cognição e emoção. *Barbarói*, 150–161. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.14598>
- Pinto, R. N. M., Torquato, I. M. B., Collet, N., Reichert, A. P. da S., Souza Neto, V. L. de, & Saraiva, A. M. (2016). Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(3). <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>
- Quintanilha, A. K. S., Leandro, D. S. de O. N., & Ruiz, M. M. de O. (24 C.E.). Os Impactos Do Diagnóstico Do Transtorno Do Espectro Autista Na Psicodinâmica Familiar. *Simpósio*, 12.
- Reis, L. B., & Pereira, C. M. (2023). Percepções de Familiares sobre uma Rede de Cuidados de Saúde Mental Infantojuvenil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003254081>

- Silva, B. F. dos R. da, Silva, J. P., Pereira, K. A., & Moraes, P. R. F. (2024). A Importância Do Diagnóstico Precoce Para Uma Melhor Qualidade De Vida Aos Portadores Do Transtorno Do Espectro Autista. *Revista Extensão*, 8(2), 15–25.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). *Transtorno do Espectro Autista: Manual de Orientação*. Departamento Científico de Pediatria Do Desenvolvimento e Comportamento. <https://www.spsp.org.br/anais-do-congresso/beneficios-da-musicoterapia-e-seu-uso-como-opcao-para-o-tratamento-do-transtorno-do-espectro-do-autismo/>
- Souza Fernandes, M. H. de, & Costa e Silca, A. L. (2023). Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): breve história para uma longa discussão. *Revista Master - Ensino, Pesquisa e Extensão*, 8(15). <https://doi.org/10.47224/revistamaster.v8i15.252>
- Vilela, P. R. (2019). *Bolsonaro anuncia inclusão de autistas no Censo 2020*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-07/bolsonaro-anuncia-inclusao-de-autistas-no-censo-2020>

Submetido em: 24/07/2024

Revisões requeridas: 08/12/2024

Aprovado em: 20/05/2025

Publicado em: 20/05/2025